

Campinas é uma cidade nova. Nasceu quando outras como Jundiá, Atibaia, Moji Guassú, Moji Mirim, etc., já eram vilas e vilas mais que centenárias. Ultrapassando-as num crescimento único, mais veloz que o de outra qualquer da capitania de São Paulo, se destacou graças à uberdade de seu solo.

Já Saint Hilaire em 1819, depois de passar por Campinas, assegurou serem suas as "melhores terras do mundo"; tendo ele viajado por tantas regiões, poderia comparar nossa terra com muitas outras que vira.

E este fator deu à região um progresso desconhecido em nosso país; de rica e próspera indústria açucareira, passou à produção de café quando este produto, único no mundo civilizado, foi uma riqueza que suplantou todas as outras, fazendo campineiros conhecidos em Paris onde passavam temporadas longas com seus familiares frequentando a sociedade em aprumo e ostentação.

A riqueza do café suplantou a do açúcar em 1850, e suplantou com vantagem de mais poderosa e mais rica. Os Barões de Ataliba Nogueira, a passeio pela Europa com toda família, instalou-se em Paris, com luxo e dignidade, prolongando o passeio com estadias de alta moda e presença da aristocracia em Cannes, sul da França, com eventos sociais e concurso de beleza feminina, ~~que deu o primeiro e o segundo prêmios a duas filhas do Barão Campineiro~~

E foi Campinas que, de parceria com Itú, despachou fazendeiros seus e seus escravos, pelo interior do Estado abrindo novas fazendas de café na fase áurea marcada posteriormente pelo "Rumo ao Oeste" promissor do fastígio econômico do Estado de São Paulo. E São Paulo foi o rei mundial da produção do café só definhando sob o domínio oficial.

Campinas do século passado conheceu o luxo dos solares açucareiros seguidos das casas nobres, sedes de fazendas de café, e sobrados urbanos residenciais quando o hábito de residir nos engenhos se transformou para a usança da residência urbana e estadia temporária na fazenda cafelista.

Sua economia, desde o século passado, não se reduziu à lavoura;

desenvolvendo a indústria manufatureira de metalurgia em seus variados aspectos, para construções, veículos, tubulações, tijolos, etc., teve primazia em vários ramos no interior da província, com importante e direto comércio importador - Europa-Campinas - trazendo-nos artigos de luxo e variada utilidade para consumo próprio e redistribuição por grande parte das províncias de São Paulo e sul de Minas.

Cultura literária e popular não lhe faltaram desde os primeiros dias do século oitocentista, tendo no sub-diácono Diogo Antônio Feijó, o mestre de primeiras letras. Seguiram-no outros mestres, "o mestre régio" e mestres de música; seguiram-no um sábio pesquisador em campo de botânica, Joaquim Correia de Mello; um cientista descobridor da fotografia, Hércules Florence, também pintor que executou em pintura os primeiros retratos de gente de Campinas, além de suas invenções como o papel inimitável e outras, e ainda uma plêiade de pintores retratistas e paisagistas com notabilidade como Barandier, francês, Piereck, alemão, Rugendas e mais.

Pelo oitocentismo, teve Campinas seu desenvolvimento máximo quando as concessões ou compras das sesmarias gigantescas proliferaram para em seguida se transformarem em fazendas de café com sedes luxuosas ou construções urbanas ricas e imponentes nas fases de arquitetura de grandes beirais, passando em seguida para os casarões com platibandas adornadas com estátuas, vasos e azulejos, e casarões renascentistas como o crimonosamente demolido palácio dos Alves, uma das mais típicas residências da riqueza do café.

Vencida a febre amarela, com dedicação exemplar dos dois vigários de Campinas, o Cônego Cipião e o Cnego Neri, do Carmo, de particulares e médicos, muitos dos quais vindos para acudir febrentos, Campinas entrou no século atual livrando-se da febre mas sacrificada na ~~crise~~ crise de preços baixos do café, o que também venceu com o sacrifício de muitos fazendeiros que perderam por dívida suas propriedades agrícolas.

Mas a indústria também progrediu, ainda no oitocentismo, e atravessou a febre para crescer no século vinte atingindo um vigor ines-

perado e levando Campinas a se transformar em parque industrial de alta categoria e senhora de mercado no interior e exterior do país, figurando entre os primeiros polos de exportação para o estrangeiro.

Acompanharam-na o ensino público e particular com duas universidades, escolas superiores, médias e primárias trazendo para Campinas, de outros pontos do país, considerável população estudantil.

De todo este progresso, com exuberância brotou e floresceu o fator "cotidiano" hoje tão apreciado na sua própria literatura, já evidente em Campinas por trabalhos literários que descrevem o viver domiciliar no seio da família, com seus hábitos, seus problemas e suas realizações.

Campinas, janeiro de 1990.